

"Falta de comando" é comentário geral

Do enviado especial a Brasília

"Eu nunca vi tamanha falta de comando".

Essa frase foi ouvida centenas de vezes, anteontem e ontem, nos corredores do Congresso Nacional, durante o tragicômico espetáculo de votação da convocação do Congresso Constituinte. Mas quando chega a ser usada, como o foi, no final da tarde de ontem, por ninguém menos do que José Sarney Filho, 28, filho do presidente da República e deputado federal pelo PFL-MA, ganha uma contidência alarmante.

É claro que Sarney Filho, até por carinho filial, não inclui o pai na agressividade de sua frase, dirigida apenas às lideranças de todos os partidos. Mas a verdade é que a tentativa de votação de ontem — qualquer que seja o resultado final da sessão que se instalará às 20h — demonstra definitivamente o que a Folha já expusera ontem: não há a mais pávida evidência de coordenação política entre o governo e as bancadas que supostamente o apoiam ou entre os líderes de cada partido e seus liderados (exceto os do PT e do PDT). "Ou os líderes não conseguem explicar o que querem ou os senadores não conseguem entender os líderes", resumia Sarney Filho, ao transmitir, também, a "apreensão" com que seu pai acompanhava os lances vividos no Congresso.

"Cafmos na anarquia", afirmava Armando Pinheiro (PTB-SP), 49, com a voz quase apagada pela festa que faziam, nos corredores do Congresso, os militantes do Movimento Pró-Participação Popular na Constituinte. "Constituinte, sem povo, não cria nada de novo", entoavam eles, acompanhados pelo deputado Flávio Bierrenbach (PMDB-SP), 46, vingado pelo fato de que seu parecer, como relator, foi jogado no lixo ainda antes da votação, em primeiro turno, da

Constituinte. "Se tivéssemos aprovado o plebiscito, nada disso teria acontecido", dizia o deputado paulista, referindo-se à sua proposta (rejeitada) para que se fizesse uma consulta popular para determinar se a Constituinte seria exclusiva ou congressual.

A alegria de Bierrenbach não combinava, entretanto, com a sua própria apreciação de que a não votação da Constituinte seria "desastrosa" para a imagem, já deteriorada, do Congresso perante a opinião pública.

Curioso é que todos os deputados e senadores que conversaram ontem com o repórter da Folha — e foram dezenas — concordavam com a visão do deputado paulista. Até o presidente da Câmara e do PMDB, Ulysses Guimarães, 69, tinha idêntica opinião, tanto que a transmitiu ontem de manhã aos senadores peemedebistas, em reunião destinada a quebrar a resistência deles (extensiva aos senadores dos demais partidos) à supressão de uma frase do texto original da emenda Valmor Giavari- na. Essa frase ("sem prejuízo de suas atribuições constitucionais") é um primor de ambiguidade: primeiro, ao deixar a Constituinte em algum ponto do caminho entre a Constituinte independente e o Congresso constituinte (as duas grandes teses em debate na sociedade) e, segundo, ao não deixar claramente definido o papel que tocará aos senadores na futura Constituinte.

Ulysses disse também que se criaria, sem a votação este ano da Constituinte, um clima perigoso, que poderia atizar ainda mais os militantes pela Constituinte independente. O presidente peemedebista convenceu onze dos dezessete presentes, mas não adiantou grande coisa: à tarde, chegava-se ao impasse.

E, pior ainda, para um impasse que o deputado Roberto Freire (PCB-PE), 42, definia como "bizan-

tino". Completava a deputada Cristina Tavares (PMDB-PE), 49: "A 'Nova República' deveria acabar com o Senado", referindo-se ao interesse puramente corporativo de uma substancial parcela dos senadores, preocupados com a sua própria posição, já que não estava em jogo o substancial que é o debate Constituinte independente ou Congresso Constituinte.

Empurrado solitariamente em sua cadeira de rodas, rumo ao elevador dos parlamentares, o deputado Thales Ramalho (PFL-PE), 62, mestre na arte da negociação política, desabafava todo o seu desencanto: "Parece que as pessoas esqueceram de dialogar. E política é a arte de conversar".

Roberto Freire preferia enxergar um fundo mais político-ideológico em toda a questão, apesar de ele próprio ter apontado o bizantismo da discussão: "É o medo do imponderável que é uma Constituinte". O deputado pernambucano tem, ao menos, parte da razão, se se somar à sua frase a opinião de Armando Pinheiro ("fica provado que ninguém aprova mais nada na Casa"). De fato, a confusão partidária e mais os complexos resultados do último 15 de novembro levam tudo, no terreno político, para os caminhos do imponderável.

Tão imponderável que Bierrenbach entende, contrariando a opinião da maioria dos ministros e das lideranças da Aliança Democrática, que "agora, ninguém segura o grito de diretas-86". "O quadro ajuda as diretas-86 e ajuda também a Constituinte exclusiva", reforça Nadyr Rosseti, o deputado gaúcho que lidera o PDT. É rigorosamente idêntica a opinião de Gastone Righi, 49, líder do PTB, e de Djalma Bom, 46, líder do PT.

Pode ser ou não, mas o que o espetáculo de ontem não ajuda, certamente, é a melhorar a imagem de um Congresso já desgastado. (CR)